



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE TEATRO

Stefany Larissa de Jesus Oliveira Moraes

**UMA LEITURA DA MELANCOLIA ATRAVÉS DA PERSONAGEM
OFÉLIA DE WILLIAM SHAKESPEARE E SUAS SEMELHANÇAS
COM MULHERES REAIS ATRAVÉS DOS SÉCULOS**

SÃO CRISTÓVÃO – SE

2026

Stefany Larissa de Jesus Oliveira Moraes

**UMA LEITURA DA MELANCOLIA ATRAVÉS DA PERSONAGEM
OFÉLIA DE WILLIAM SHAKESPEARE E SUAS SEMELHANÇAS
COM MULHERES REAIS ATRAVÉS DOS SÉCULOS**

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC apresentado
ao Colegiado de Licenciatura em Teatro da
Universidade Federal de Sergipe – UFS como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciado em Teatro.

Orientador: Prof. Dr. Gerson Praxedes Silva

SÃO CRISTÓVÃO – SE

2026

STEFANY LARISSA DE JESUS OLIVEIRA MORAES

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gerson Praxedes Silva (DTE/UFS)

Prof^ª. Dr^ª. Christine Arndt de Santana. (DTE/UFS)

Prof^ª. Dr^ª. Lílith de Moraes Marques (ETA/UFAL)

Prof. Dr. Marcelo Alves Brazil (Suplente) (DTE/UFS)

AGRADECIMENTOS

O processo de graduação foi muito difícil para mim, por isso, sou grata a cada pessoa que tenha contribuído pela minha formação de forma direta ou indireta.

Gostaria de começar agradecendo a meu irmão Pedro Henrique e minha prima Kethelyn Rayane que sempre gostaram — talvez, até mais que eu — do curso que eu escolhi. Foram por muito tempo, combustível para que eu continuasse na graduação.

A minha mãe e minha avó, por me incentivarem a querer o melhor. Apesar de não compreenderem minha escolha de curso, nunca deixaram de me apoiar e celebrar comigo.

As minhas irmãs de alma Geovana Araujo e Emilly Aguiar por não deixarem que eu carregue o fardo do mundo sozinha e por me amarem em todas as minhas versões. Eu espero que eu seja tão boa para vocês quanto vocês são para mim.

Sou muito grata aos amigos que me encontraram nessa vida em que construí na universidade. Livia, Kauã, Pedro, Romario, Lito, João, Humberto, Beatriz, Eric, Marcos, Sane Amor, Marvi, Netune, Lui Mercúrio, Laura, Sofia, e Luana. Se vocês reescreverem suas vidas, eu espero ainda ter um papel nelas, mesmo que pequeno, mesmo que seja como figurante. Eu ficaria imensamente feliz de ver vocês de novo.

Gostaria de agradecer aos professores, Carlos Cezar Mascarenhas, Marcia Cristina Baltazar, Christine Arndt de Santana, Lílith de Moraes Marques e Marcelo Brazil pelas suas valiosas contribuições em minha formação. Pois, cada um foi essencial em um momento específico dela.

Ao professor Gerson Praxedes da Silva por concordar em me orientar e me passar ensinamentos para a vida, além dos acadêmicos. Sou muito grata pelas trocas e encantada em descobrir o quanto somos parecidos.

Por fim, quero agradecer a mim. Por não ter desistido do ensino superior mesmo com todas as dificuldades encontradas no percurso.

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo realizar uma leitura da personagem Ofélia de William Shakespeare a fim de realizar uma pesquisa interdisciplinar para investigar um possível estado melancólico na personagem. Ofélia sofre algumas formas de opressão por viver em contexto de subalternidade, logo, antes mesmo do falecimento do seu pai, foi possível notar através da leitura do texto *Hamlet* que, havia motivos para um temperamento melancólico já existir na personagem. Foi relacionado através do ensaio *Luto e Melancolia* de Sigmund Freud, os sinais — que são atribuídos a *Hamlet* por ele — a Ofélia. Além de *Dramaturgia: Criação da personagem* de Renata Pallottini para auxiliar na leitura da personagem e Erika Viviane Costa Vieira com o artigo *Resistindo à Clausura: a iconografia de Ofélia* (2010) para compreender sua relação com outras formas de arte para além das Artes Cênicas. Sendo assim, é proposto um mapeamento da imagem de ofélia nas artes, reconhecendo signos visuais e simbólicos que a personagem fornece para que artistas e apreciadores de outras linguagens artísticas (artes visuais, cinema e música) possam experienciar a catarse (purificação) da melancolia. . Por fim, é realizada uma analogia entre a personagem Ofélia e mulheres que existem e existiram e passaram por perdas devastadoras e até irrecuperáveis.

Palavras-chave: Shakespeare; Dramaturgia; Gênero; Psicanálise; Melancolia Feminina.

ABSTRACT

This work aims to analyze William Shakespeare's character Ophelia, as part of an interdisciplinary study investigating a potential melancholic condition in the figure. Living in a context of subordination, Ophelia endures various forms of oppression; thus, even before her father's death, a reading of *Hamlet* already reveals grounds for an existing melancholic temperament in the character. The traits Sigmund Freud attributes to Hamlet in his essay *Mourning and Melancholia* are here linked to Ophelia. Additional references include *Dramaturgia: Criação da personagem* by Renata Pallottini, which supports the character analysis, and the article *Resistindo à Clausura: a iconografia de Ofélia* (2010) by Erika Viviane Costa Vieira, which helps to understand her representation across art forms beyond the performing arts. Accordingly, this research proposes a mapping of Ophelia's image in the arts, identifying visual and symbolic signs associated with her — signs that allow artists and audiences of other creative languages (visual arts, film, music) to experience the catharsis of melancholy. Finally, the work draws an analogy between Ophelia and real women, both past and present, who have suffered devastating, even irreversible loss.

Keywords: Shakespeare; Dramaturgy; Gender; Psychoanalysis; Feminine Melancholy

SUMÁRIO

1.	Introdução.....	1
2.	Ofélia e(m) Hamlet.....	4
3.	Ofélia nas artes.....	10
	3.1 Ofélia nas Artes Visuais.....	11
	3.2 Ofélia no Cinema.....	15
	3.3 Ofélia na Música	18
4.	Ofélia e a Melancolia.....	23
	4.1 A arte imita a vida.....	28
5.	Considerações Finais.....	34
6.	Referências.....	36

Introdução

Este trabalho de conclusão de curso aborda, através de um do tema central melancolia, a sua manifestação em uma icônica personagem feminina da dramaturgia universal. Especificamente, a personagem Ofélia, da peça Hamlet (2001) de William Shakespeare.

A personagem Ofélia é uma jovem da obra Hamlet: príncipe da Dinamarca de William Shakespeare que após ser rejeitada pelo seu suposto pretendente e, ao mesmo tempo, ter que lidar com o assassinato de seu pai pelas mãos do próprio Hamlet, enlouquece e acaba morrendo afogada no lago. Shakespeare não deixa claro se a morte de Ofélia foi um acidente ou proposital, mas pode-se constatar que ela morreu de tristeza.

A personagem Ofélia de William Shakespeare surgiu como interesse de pesquisa devido a capacidade da personagem em representar temas que pairam sobre os meus pensamentos particulares desde muito jovem. Ela me foi apresentada como inspiração visual de uma música igualmente melancólica em 2018 que pertence ao grupo de pop coreano BTS onde foi feita uma analogia de sua situação com minha tia Luiza Mariana, a qual eu conhecia como Ninha. Logo, tornou-se signo pessoal do medo de perder entes queridos e passar pelo processo de luto, seja ele por alguém ter falecido, ou por alguém ter se afastado. Além de que, é possível notar mulheres adoecendo e definhando por conta da perda, e realizar essa analogia com a Ofélia e intrigar-se com a forma com a qual situações que ocorreram no século XVI perpetuam-se até os dias atuais.

Anteriormente ao episódio traumático que foi a perda de seu pai, Ofélia já vivia em angústia após ser rejeitada e humilhada por Hamlet, por quem cultivava afeto romântico. Hamlet, por sua vez, lhe enviava sinais confusos acerca da sua reciprocidade e muda sua postura perante a ela de forma repentina.

A partir das considerações de Freud(2010), é possível situar o que é dito, em certos momentos em que a personagem Ofélia vivencia situações de desprezo. Com suas palavras sobre a descrição do comportamento de um melancólico, dá para notar claramente como a situação se aproxima da experiência que Ofélia viveu.

Além disso, foi feita uma análise, por meios eletrônicos como redes sociais, e relatos de mulheres que passaram por perdas afetivas que as levaram a episódios de melancolia e como esses episódios conversam com a situação dramática da personagem Ofélia.

Tal melancolia foi e é inspiração de manifestações artísticas de diversas áreas, para além do teatro, como o famoso quadro Ofélia de John Everett Millais, concluído entre 1851 e 1852. E também, produções modernas como produções audiovisuais e músicas etc.

Foi realizada uma investigação bibliográfica sobre o tema da melancolia, tendo como referência as observações levantadas pelo Psicanalista Sigmund Freud, no livro Luto e Melancolia, além dos outros autores que trabalham com o tema. Tais leituras embasaram a análise da situação da personagem, tal como estão retratados na dramaturgia de Shakespeare. Assim, como a literatura específica da teoria do drama. Como por exemplo, os textos da Renata Pallottini, tendo em vista a análise técnica do texto dramático, seus personagens e cenas.

No primeiro capítulo, “Ofélia e(m) Hamlet”, iremos investigar Ofélia da forma que ela é apresentada na peça, sua relação com seus familiares e com Hamlet além do contexto social ao qual ela está inserida.

No segundo capítulo: “Ofélia nas artes” faremos um mapeamento de áreas artísticas onde a personagem despertou interesse pela sua “melancolia esteticamente agradável”, ou pela identificação de artistas que se sentiram representados de alguma forma pela personagem. Além disso, será analisada como sua caracterização nessas modalidades servem como ferramenta para que o espectador se conecte a personagem.

Em “Ofélia e a melancolia”, terceiro capítulo, realizamos uma investigação acerca do estado melancólico de Ofélia tendo como base o ensaio “Luto e melancolia” de Sigmund Freud, onde analisaremos os indícios da enfermidade e analisaremos se a personagem se encaixa nos sinais e quais os possíveis motivos para seu estado. Iremos também realizar analogias da situação de Ofélia com situações de mulheres que existiram e existem na vida real e o quanto as situações são semelhantes.

Vale ressaltar que também, foram averiguadas obras artísticas atuais como músicas e videoclipes, que possam referenciar a personagem para tentar realizar analogias entre a possível melancolia de Ofélia com a melancolia feminina nos dias atuais.

Através dessa personagem, foi possível notar algumas correspondências com formas de sofrimento experienciado por algumas mulheres. Portanto, nesta pesquisa, buscou, além do estudo na personagem Ofélia, me apoiar em relatos de mulheres que passaram por perdas afetivas que as tenha desestabilizado de forma prejudicial. Assim, investigou se existem

semelhanças na melancolia de Ofélia, personagem feminina do século XVI, com a melancolia sofrida por mulheres de diferentes épocas. De modo que, para fundamentação, a pesquisa irá recorrer a textos de autores que tratam do assunto, como Sigmund Freud com a obra *Luto e Melancolia* (1992), que é referência sobre o assunto e poderão me ajudar na reflexão da abordagem durante a pesquisa. Além de Renata Pallottini com *Dramaturgia: construção do personagem*(1998) para o estudo da personagem dramática e Erika Viviane Costa Vieira com o artigo *Resistindo à Clausura: a iconografia de Ofélia*(2010) para compreender o processo de mitificação de Ofélia.

Por fim, o estudo chegou ao seguinte resultado: Ofélia, diferente do que se pode pensar numa primeira leitura de Hamlet, não é uma jovem ingênua. Ela pensa por si própria. Inclusive, podemos ver esse seu lado em sua primeira aparição conversando com o irmão ao aconselhá-lo. Podemos constatar que ela tem conhecimento em botânica e é espirituosa quando usa flores como metáforas para se expressar. Assim como Ofélia, existiram e resistiram mulheres ao decorrer dos tempos em ocasiões semelhantes a sua, apresentando os mesmo sinais os quais por vezes, não receberam a devida atenção. Mas em contrapartida, temos mulheres que conseguem encontrar a luz no fim do túnel mesmo passando por momentos sombrios, com devidos auxílios médicos e apoio emocional. Consideramos então, que as artes são instrumentos valiosíssimos onde mulheres encontram um lugar para bradar a angústia que pode estar consumindo-as.

1. Ofélia e(m) Hamlet

A peça Hamlet se passa no reino da Dinamarca. O período em que a peça ocorre não é especificado e não se tem uma data exata de quando a obra foi estreada pela primeira vez, mas existem registros da escrita entre 1599 e 1601. A peça está inserida no período considerado Elisabetano, ou seja, produzida durante o reinado da rainha Elizabeth I (1533-1603) que ocorreu entre 1558 e 1603. A peça possui cinco atos e Ofélia faz pequenas aparições em quatro deles e mesmo que sejam rápidas suas participações, ela possui grande importância para a trama e pôde cativar diversos artistas, sendo inspiração para músicas, quadros e até obras do audiovisual. A personagem é construída de modo em que a verossimilhança é sentida até os dias de hoje.

Podemos iniciar a leitura desta personagem vendo Ofélia como uma personagem que se encontra em situação de subalternidade onde ela nunca se impõe. Porém, Vieira (2010) nos indica que, no século XVII, *William Davenant* modificou algumas partes do texto para transformar Hamlet no herói ideal e Ofélia na mulher ideal. Desta forma, a idealização das personagens fez com que textos considerados indecorosos de Ofélia fossem cortados e como consequência, conhecemos uma Ofélia inocente e sem consciência de sua própria sexualidade. Partindo dessa ideia de a profundidade psicológica e sexual de Ofélia ficou ocultada e foi velada pela imagem de moça inocente e ingênua é que a presente leitura da personagem propõe desvelar e descortar a profundidade psicologia e sexual de Ofélia, compreendendo sua situação como sendo de subalternidade.

Quase um século depois, *David Garrick* introduziu mudanças significativas na produção, onde atribuiu a Ofélia uma dualidade de passividade e sentimentalismo. Então, a atriz *Susanna Cibber* “sexualiza” a personagem ao substituir a mulher ideal para uma mulher mais passional onde Ofélia volta cantando baladas indecentes e gesticular libidinosamente no palco. (Floyd-Wilson, 1992, p. 403)

Segundo Renata Pallottini, baseando-se em Augusto Boal (que se refere a K. Marx e B. Brecht.), o personagem nunca “é o sujeito absoluto e sim objeto de forças econômicas e sociais, as quais respondem e em virtude das quais atua” (Pallottini, 1989, pág. 38), podemos observar que a personagem Ofélia estava inserida em um contexto social ao qual ela não possuía autonomia, se via dependente de seu pai e seu irmão e da corte para comer, viver e

até tomar decisões. Podemos sondar durante a cena III do I ato onde ela é instruída por Laerte(irmão) e Polônio(pai) a romper um suposto relacionamento com Hamlet, que segundo eles, queria apenas aproveitar-se de sua ingenuidade.

POLÔNIO: Ah, bem lembrado.
 Disseram-me que, ultimamente,
 Tem gasto muito tempo com você e que você,
 Por seu lado, o tem acolhido liberal e generosamente.
 Se é assim, e assim me foi contado,
 Devo te dizer – como um aviso –
 Que você não compreende claramente
 O que te convém como minha filha e quanto à tua honra.
 O que há entre vocês? Quero a verdade.
 OFÉLIA: Senhor, ultimamente ele tem me dado muitas
 demonstrações de ternura.
 POLÔNIO: Ternura! Qual! Você fala como uma moça ingênua
 Inconsciente do perigo em que se encontra.
 Você acredita nessas ternuras de que fala?
 OFÉLIA: Senhor, não sei o que pensar.
 POLÔNIO: Por Deus; você está agindo como uma menina
 Que ganha uma moeda falsa e acha que é dinheiro de verdade.
 OFÉLIA: Senhor, se ele me importuna com palavras de amor,
 É da forma mais honrosa.
 POLÔNIO: Oh, honrosa! Não diz, não diz!
 OFÉLIA: E apóia as intenções com que fala, senhor,
 Com os juramentos mais sagrados do céu.
 POLÔNIO: Alçapão pra apanhar rolinhas. Eu sei bem,
 Quando o sangue ferve, como a alma é pródiga
 Em emprestar mil artimanhas à língua.
 São chispas, minha filha, dão mais luz que calor
 E se extinguem no momento da promessa –
 Não são fogo verdadeiro. De agora em diante
 Tua presença de donzela deve ser menos visível.
 Que os teus encontros tenham um preço mais alto
 Do que um simples chamado ocasional.
 Não debes esquecer que o príncipe Hamlet
 É jovem, e príncipe;
 Tem rédea bem mais solta do que a tua.
 Ofélia, não acredite nas promessas dele;
 São simples mensageiras de ânsias pecaminosas,
 Com ares de devotas, pra seduzir melhor. Simplificando:
 Não quero mais, de hoje em diante,
 Que você conspurque um minuto sequer,
 Trocando palavras, ou conversando, com o príncipe.
 Presta atenção: é uma ordem. Pode ir.
 OFÉLIA: Eu obedeço, meu senhor.
 (Shakespeare, 2001, p. 19)

Como também, na cena I do ato III, onde Ofélia é feita de peão pelo próprio pai, segundo Castro (2019), pois tem o objetivo de justificar aos olhos do rei Cláudio — irmão do antigo rei Hamlet, que comete fratricídio e casa-se com a cunhada — que o príncipe Hamlet, além de sofrer pela perda do pai, estava louco de amor por Ofélia. Ela nunca se opôs às vontades de seu pai e irmão e mesmo que amasse Hamlet, nunca contrariou suas ordens pois

os devia servidão. Visto que, segundo Silva(2016, p. 2), mesmo que a rainha Elizabeth I tenha se desvencilhado das normas patriarcais da época, nada fez para que as mulheres de seu reinado pudessem ter o mínimo de autonomia e independência. Segundo ela: “Elizabeth, no entanto, não era uma defensora da igualdade de gênero e nem dos direitos e trabalhos femininos, pois via-se e era vista como uma exceção divina“. Silva reforça com sua própria tradução do escritor Wayne Savage que:

Elizabeth, apesar de ter amigas mulheres, não acreditava que as mulheres deveriam ter posições de poder: “(Tudo o que ela alcançou) foi indiscutivelmente brilhante; ela era indiscutivelmente brilhante, (mas) em um contexto moderno ela foi extremamente sexista; anti-mulher de muitas maneiras”(SAVAGE, 2015)

Dessa forma, podemos considerar que Ofélia não possuía o direito da escolha e se vê em um dilema entre a obediência a seu pai e seu amor por Hamlet. O rapaz, cego pela cólera, não hesita ao ultrajar a jovem, a deixando em um lugar de confusão mental com a ambiguidade dos sentimentos demonstrados a ela como podemos ver na citação seguinte:

(Vê Ofélia rezando.) Mas, devagar, agora! A bela Ofélia! (Para Ofélia.)
 Ninfã, em tuas orações
 Sejam lembrados todos os meus pecados.
 OFÉLIA: Meu bom senhor,
 Como tem passado todos esses dias?
 HAMLET: Lhe agradeço humildemente. Bem, bem, bem.
 OFÉLIA: Meu senhor, tenho comigo umas lembranças suas
 Que desejava muito lhe restituir. Rogo que as aceite agora.
 HAMLET: Não, eu não; Nunca lhe dei coisa alguma.
 OFÉLIA: Respeitável senhor, sabe muito bem que deu;
 E acompanhadas por palavras de hálito tão doce
 Que as tornaram muito mais preciosas. Perdido o perfume,
 Aceite-as de volta; pois, pra almas nobres,
 Os presentes ricos ficam pobres
 Quando o doador se faz cruel. Eis aqui, meu senhor. (Dá os presentes a ele.)
 HAMLET: Ah, ah! Você é honesta?
 OFÉLIA: Meu senhor?!
 HAMLET: Você é bonita?
 OFÉLIA: O que quer dizer Vossa Senhoria?
 HAMLET: Que se você é honesta e bonita, sua honestidade não deveria admitir
 qualquer intimidade com a beleza.
 OFÉLIA: Senhor, com quem a beleza poderia ter melhor comércio do que com a
 virtude?
 HAMLET: O poder da beleza transforma a honestidade em meretriz mais depressa
 do que a força da honestidade faz a beleza se assemelhar a ela. Antigamente isso era
 um paradoxo, mas no tempo atual se fez verdade. Eu te ameie, um dia.
 OFÉLIA: Realmente, senhor, cheguei a acreditar.
 (Shakespeare, 2019, pág. 19)

Podemos aqui observar que Ofélia se encontra em situação de confusão mental, pois as ações e palavras que até pouco tempo atrás Hamlet a proferiu, agora já não lhe pareciam certas. Alguém que a tratava como um ser divino, agora a comparava a uma meretriz. Segundo Sigmund Freud (1992, p, 284):

Na melancolia, as ocasiões que dão margem à doença vão, em sua maior parte, além do caso nítido de uma perda por morte, incluindo situações de desconsideração, desprezo ou desapontamento, que podem trazer para a relação sentimentos opostos de amor e ódio, ou reforçar a ambivalência já existente.

Ofélia, já bastante abalada pela rejeição do seu objeto de desejo, se vê inserida em outro evento traumático, que é a morte de seu pai pelas mãos do seu amado Hamlet. Nada importa se o homicídio foi causado de maneira acidental. O ocorrido foi suficiente para desencadear um estado mental irreversível na personagem que teve seus sentimentos invalidados, foi manipulada e ridicularizada pela família real e pela pessoa a quem ela amava.

Shakespeare não deixa claro se a morte de Ofélia foi suicídio ou acidente, mas compreende-se que ela morreu de tristeza, e sua morte é relatada por Gertrude de forma triste, mas bela. Segue trecho do ato IV, cena III (Shakespeare, 2001, p. 101) :

Há um salgueiro que cresce inclinado no riacho
 Refletindo suas folhas de prata no espelho das águas;
 Ela foi até lá com estranhas grinaldas
 De botões-de-ouro, urtigas, margaridas,
 E compridas orquídeas encarnadas,
 Que nossas castas donzelas chamam dedos de defuntos,
 E a que os pastores, vulgares, dão nome mais grosseiro.
 Quando ela tentava subir nos galhos inclinados,
 Para aí pendurar as coroas de flores,
 Um ramo invejoso se quebrou;
 Ela e seus troféus floridos, ambos,
 Despencaram juntos no arroio soluçante.
 Suas roupas inflaram e, como sereia,
 A mantiveram boiando um certo tempo;
 Enquanto isso ela cantava fragmentos de velhas canções,
 Inconsciente da própria desgraça
 Como criatura nativa desse meio,
 Criada pra viver nesse elemento.
 Mas não demoraria pra que suas roupas
 Pesadas pela água que a encharcava,
 Arrastassem a infortunada do seu canto suave
 À morte lamacenta.
 (Shakespeare, 2019, pág. 99)

Dessa forma, acreditar que a morte foi um acidente e que ela se foi de forma majestosa, aliviando a tragédia e isentando os responsáveis pela sua morte: a corte, o pai, o irmão, e Hamlet. Os quais realizaram a manutenção de uma estrutura patriarcal.

Há na personagem elementos os quais fazem o espectador se compadecer de sua dor, Renata Pallottini (1989) disserta sobre o que faz a verossimilhança ocorrer dizendo que quando a personagem é criada, procura-se encontrar um meio termo entre a teatralidade e a realidade, entre a ilusão e a vida. Aliás, como disse Pallottini, a personagem nada é por si só,

mas sim a concretização de todo um conjunto de recursos, que seriam eles signos, ethos(caráter) caracterização, e principalmente o contexto em que a personagem está inserida. Ao parafrasear aristóteles, ela fala que “a verossimilhança caracteriza uma ação que é logicamente possível devido ao encadeamento dos motivos, e por isso necessária como lógica interna da fábula.” (Pallottini, 1989, p. 21)

Podemos então, fazer uma análise de sua caracterização como signos visuais. Não podemos dizer com exatidão como era o figurino de Ofélia ou de qualquer outro personagem de Hamlet inicialmente, já que não possuímos nenhum registro visual da peça na época em que foi estreada. Porém, podemos analisar a indumentária do período elisabetano que era utilizado nas apresentações segundo o site *Internet Shakespeare Editions*¹, juntamente com a caracterização de adaptações realizadas em um período posterior.

Sendo assim, é importante salientar que a moda no período elisabetano, era excêntrica, pois refletia o gosto pessoal da rainha Elizabeth I. Até um certo período de seu reinado, existiam restrições de vestimentas por classes sociais. As cores, tais como nos dias de hoje, possuem seus significados simbólicos. Por exemplo, segundo o site *Internet Shakespeare Editions* o vermelho significava sangue e paixão, amarelo representava sol e o otimismo, branco representava a pureza, já o preto representava a morte, maldade e depressão. Existiam, porém, evidências de que o branco era também utilizado para o luto. Pode-se dizer, que a simbologia das cores foi bastante utilizada na caracterização das obras audiovisuais e nas artes visuais. Sendo assim, no capítulo a seguir será tratada a ligação da personagem dramática Ofélia com as Artes Visuais e a psicologia das cores será uma ferramenta importante para compreender a personagem.

Imagem I: Roupas femininas do período Elisabetano

¹Para aprofundamento: <https://internetshakespeare.uvic.ca/Library/SLT/stage/costumes/fashion.html>



Fonte: <https://internetshakespeare.uvic.ca/Library/SLT/stage/costumes/fashion.html>

2. Ofélia nas Artes

Ofélia, apesar de ser uma personagem que nos cativa pelo modo em que sua trajetória é traçada por Shakespeare, onde a conhecemos como uma jovem obediente até a perda de si mesma culminando em uma morte trágica. Ainda assim, inicialmente, não foi tão explorada pela crítica literária. Freud, psiquiatra e pai da psicanálise, que tratou da a personagem Hamlet no ensaio *Luto e Melancolia* (1992), não utilizou Ofélia como objeto de estudo para o mesmo caso, além de tê-la citado apenas para a relacionar com o complexo de Édipo². O que nós faz indagar: Ofélia sofreu de luto ou de melancolia? Essa pergunta será respondida no capítulo seguinte. Porém, a figura de Ofélia ficou popular em outras linguagens artísticas, principalmente nas artes plásticas.

Vieira (2010, p. 2) transcorre sobre a transformação da personagem em um *objet d'art* que possibilitou as composições entre as construções culturais entre a morte, o feminino e a insanidade. A autora afirma que: “Por sua morte prematura, ao sabor do rio e nos braços da natureza, Ofélia se tornou um ícone da morte jovem e bela, o que foi cristalizado como um momento de beleza estética e imortalizado em obras de arte.” (Vieira, 2010, pág. 4).

Deste modo, Vieira mostra que a narrativa da rainha Gertrudes, ao relatar o afogamento de Ofélia no lago, contribui para a dramatização do mito de Ofélia. Que se dá a seu simbolismo da loucura feminina e é consagrada como a bela mulher que morre tragicamente de amor e toca artistas de diferentes áreas e audiência durante séculos.

O drama desta personagem superou as barreiras das novas media, resistiu às todas as mudanças dos suportes artísticos, metamorfoseou-se através das épocas, mas vem aparecendo sempre de forma atualizada. O conjunto dessas obras formam uma Opheliana a qual foi influenciada e influenciou performances teatrais, a crítica literária, a poesia e o comportamento das mulheres de várias épocas, conforme traçamos a evolução da representação da personagem. (Vieira, 2010, pág. 6)

² Conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais. Sob a sua forma dita positiva, o complexo apresenta-se como na história de Édipo-Rei: desejo da morte do rival que é a personagem do mesmo sexo e desejo sexual pela personagem do sexo oposto. Sob a sua forma negativa, apresenta-se de modo inverso: amor pelo progenitor do mesmo sexo e ódio ciumento ao progenitor do sexo oposto. Na realidade, essas duas formas encontram-se em graus diversos na chamada forma completa do complexo de Édipo. Segundo Freud, o apogeu do complexo de Édipo é vivido entre os três e os cinco anos, durante a fase fálica; o seu declínio marca a entrada no período de latência. É revivido na puberdade e é superado com maior ou menor êxito num tipo especial de escolha de objeto. O complexo de Édipo desempenha papel fundamental na estruturação da personalidade e na orientação do desejo humano. Para os psicanalistas, ele é o principal eixo de referência da psicopatologia. (Laplanche, 1992, p. 77)

2.1 Artes Visuais

Podemos ver claramente na pintura *La Mort d'Ophélie*(1844) de *Eugène Delacroix*, onde a personagem é retratada através do relato de Gertrudes que vimos anteriormente, que Ofélia se agarra a um galho com esperanças de se salvar. Então é possível analisar suas vestes brancas, representando a sua pureza juntamente do luto que a personagem enfrentava pela perda do seu pai.

Imagem II - *La Mort d'Ophélie*, *Eugene Delacroix*, 1844



Fonte: Wikimedia Commons

Daniel Maclise em The play scene(1842), também retrata Ofélia com um vestido branco, neste caso, a pureza não é retratada apenas na indumentária, mas também na luz que irradia da dama, fazendo-a parecer uma criatura etérea, uma “ninha” como o próprio Hamlet a chamava, dando a impressão da jovem ser mais importante na cena do que o rei, a rainha e até o próprio Hamlet deitado a seus pés que diante de sua presença aparecem de forma tímida. Essa cena, ocorre após Hamlet rejeitar Ofélia, logo, é possível analisar suas vestimentas brancas e utilizando a simbologia das cores, além da pureza, pode-se lê-la já como uma representação do luto que ela sofre pela perda de um amor.

Imagem III - *Daniel Maclise, The play scene, 1842*



Fonte: Wikimedia Commons

Edwin Austin Abbey também fez sua contribuição para a cena da “peça dentro da peça” em sua obra *Hamlet*, de 1897. Nessa versão, Ofélia também está vestindo branco e apresenta uma expressão assustada e podemos também nessa pintura analisar a vestimenta de personagens como o rei e a rainha, que usam vermelho vivo, que pode representar tanto sangue, pelo fratricídio e a paixão do casal. Hamlet, veste preto para representar o estágio de depressão que ocorre durante o período de luto. E, além de Ofélia, temos alguém que parece um padre, que também usa branco.

Imagem IV - *Edwin Austin Abbey, The play scene in Hamlet, 1897*



Fonte: Wikimedia Commons

Em 1792, *Benjamin West* pintou o quadro *Ophelia and Laertes*, sua interpretação da cena do ato IV, cena V, onde Laertes fica ciente da atual situação de sua irmã após o assassinato de seu pai. Nessa leitura, Ofélia também é representada com vestes brancas.

Figura V - Benjamin West, *Ophelia and Laerts*, 1792



Fonte: Wikimedia Commons

Figura VI - John Everett Millais. Ophelia, 1852



Fonte: Wikimedia Commons

A versão de *Millais* chamou bastante atenção por sua necessidade excessiva em detalhar a cena do afogamento. Segundo Vieira (2010, p. 11), ele tentou detalhar de maneira mais realista possível, então ele teve uma trabalhosa pesquisa em busca de um local semelhante ao relato de Gertrudes e podemos ver na pintura o salgueiro, ranunculus, às urtigas, a pata de lobo. Estão também presentes rosas de maio, que é como Laertes, por vezes, chamava a irmã (*Rose of may*), dentre outras flores que ela menciona em seu momento de insanidade(IV, V). Porém, nessa pintura, a morte de Ofélia não é o foco, é um mero detalhe. A personagem é apenas parte do cenário e nem sua expressão é de alguém que luta contra a água. Sendo assim, fiel ao relato de Gertrudes e a pintura se entrelaça ao comentário de *Poe* culminando na supremacia estética que se propuseram ao tema da morte feminina.

Neste trabalho, é de grande importância ressaltar que, a modelo que posou para Millais, se chamava *Elizabeth Siddal* e tinha 19 anos. A modelo ficou imóvel em uma banheira aquecida de forma precária por lâmpadas de querosene por cerca de 10 horas. Por conta disso, a jovem pegou um resfriado que desenvolveu-se em uma doença ainda mais grave. Millais foi obrigado a custear todas as suas despesas médicas. Mas, para além da

condição insalubre de trabalho de *Siddal*, ela foi uma grande modelo das artes. Com o sucesso do quadro de *Millais*, passou a estampar diversos quadros. Siddal e Ofélia possuem uma conexão para além da literatura e artes visuais, mas deixaremos para falar sobre ela nos capítulos seguintes deste trabalho.

2.2 Ofélia no Cinema

Já nas produções audiovisuais a caracterização foge um tanto das representações artísticas visuais. Ao longo da história do cinema, existe uma ampla filmografia com leituras e adaptações de Hamlet, contudo, para fins desse estudo selecionei duas obras: *Hamlet at Elsinore* (1964) dirigida por *Philip Saville* e *Hamlet* (1996), direção de *Kenneth Branagh*. Que foram escolhidas para serem trabalhadas nesta pesquisa pois tratam-se de uma das versões mais antigas(*Hamlet at Elsinore(1964)*) e mais fiéis. Já a versão de 1996 foi escolhida por ser razoavelmente atual e com adaptações bem diferentes, como a exploração da sexualidade de Ofélia na versão de 1996. Nesta versão, do filme Hamlet onde *Kate Winslet* interpreta Ofélia, a personagem aparece com figurinos bem modernos no que chamaremos de primeira fase (do ato I ao III), com nenhuma influência da moda elisabetana. Na maior parte do filme aparece vestindo figurinos que possuem elementos da moda pós guerra.

Imagem VII: Kate Winslet, Hamlet, 1996



Fonte: https://www.imdb.com/pt/title/tt0116477/mediaviewer/rm2832558593/?ref_=ttmi_mi_16_3, imdb, Visita em: 05/2026

A ideia da equipe de arte do filme, claramente, não era ser fiel à peça. Os figurinos de Ofélia, na primeira fase, estão em concordância com a simbologia das cores, apesar de não serem precisos à época. Mas são condizentes com essa Ofélia que parece um pouco mais com a Ofélia de *David Garrick* mencionada anteriormente. Ofélia aparece na primeira cena usando vermelho representando, talvez, a paixão por Hamlet. Utiliza também branco, cor de rosa com estampas florais sempre de forma a remeter a sensibilidade e romantização, além de as bochechas rosadas e os cabelos sempre muito bem penteados.

Já na segunda fase, após o assassinato de seu pai, Ofélia surge com uma camisola branca, assim como em algumas pinturas que vimos anteriormente, seus cabelos aparecem soltos e despenteados. Essa é a mesma caracterização do momento de sua morte no lago que não é muito aprofundada.

Já na versão *Hamlet at Elsinore* de 1964 dirigida por *Philip Saville*, a caracterização é um tanto mais fiel ao tempo em que a peça foi primeiro estreada. Por ser um filme em preto e branco, não focaremos nas cores da indumentária, mas buscaremos outras formas em que a personagem consegue conversar conosco. *Jo Maxwell Muller* interpreta Ofélia nessa versão e na primeira fase ela é apresentada com vestidos nobres que representam o período elisabetano. Utiliza muitos babados, o que dá bastante volume a sua silhueta. Também, por vezes golas de babados, mangas bufantes. Tanto os figurinos da primeira fase na versão de 1996 quanto a versão de 1964 representam que o estado da mente de Ofélia estava de acordo com sua classe e obrigações sociais.

Ela, por ser uma jovem muito recatada, se apresentava sempre dentro do padrão de vestimentas esperado. Da mesma forma, a atriz apresenta uma postura de submissão. Onde sua expressão facial é sempre de muita confusão. De alguém que não concorda com o que ocorre, mas nada pode fazer a não ser aceitar. Quando aparece com Hamlet, mesmo ele simulando uma loucura, ela o trata com carinho deixando subentendido que existia uma proximidade entre os dois, não só com as palavras proferidas por ela, mas pelo seu tom de voz, a expressão facial terna que demonstra com ele e quase demonstra com seu irmão, mas não com seu pai, não com o rei e a rainha.

Imagem: VIII: *Jo Maxwell Muller*, *Hamlet at Elsinore*, 1964



Fonte: Youtube,

<https://www.youtube.com/watch?v=BmjFgYdvcGI&t=4894s&pp=ygURaGFtbGV0IGVsIHNI25vcmU%3D>,
05/2026

Na segunda fase, Ofélia aparece com um vestido esvoaçante que lembra roupas íntimas, ele possui uma cor que parece ser branca, seus cabelos estão mais volumosos e seu olhar é bem vago. Nessa adaptação ela se encontra apenas com a rainha Gertrudes e pela primeira vez ela se exalta e aumenta seu tom de voz, coisa que ela nunca havia feito antes.

Imagem: IX: *Jo Maxwell Muller*, Hamlet, 1964



Fonte: Youtube,

<https://www.youtube.com/watch?v=BmjFgYdvcGI&t=4894s&pp=ygURaGFtbGV0IGVsIHNI25vcmU%3D>,
05/2026

É possível notar que a personagem, na maioria das adaptações, é apresentada como alguém doce, amorosa, obediente e bela. Pallottini (1989) explica que todas essas características são fatores importantes para induzir o espectador a sentir comoção pela personagem. Se Ofélia fosse alguém que não possuísse tais características atrativas a qual nos deixa com sentimentos mistos e não possuísse todos os signos visuais, talvez o telespectador não sentisse pena de sua miséria. Poderiam até achar que foi merecido tudo de ruim que aconteceu com ela, já que o pai dela estava a conspirar contra o herói da trama.

Um exemplo atual da funcionalidade desses signos é como eles são utilizados para induzir o público a se familiarizar com a imagem do ator com a da personagem. Algumas atrizes e atores se comportam ao desejar um papel específico, mudando seu tom de voz, corte de cabelo, paleta de cores pessoal e até estrutura corporal.

2.3 Ofélia na música

A personagem não cativou apenas as artes visuais e o cinema, mas foi também inspiração para diversas músicas. A cantora britânica *PinkPanteress*, que é uma das porta-vozes da geração Z, na música *Ophelia* faz uma analogia entre a personagem e protagonista da canção que são ligadas por relações destrutivas e sofrimento emocional.

Então, me diga, o que eu fiz para merecer você me matando desse jeito?
 Não posso perder minha vida assim, ainda estou lutando
 Se eu morrer, por favor, deixe-os me encontrar
 Porque meus pulmões não estão funcionando
 Líquido enche o interior deles, me impede de falar
 Você pode me ver debaixo d'água
 Enquanto eu desço, vejo minha vida passar novamente (vejo minha vida passar novamente)(PinkPantheress, 2023 tradução minha)

A música parte de uma narrativa onde a artista está sendo afogada dentro de uma banheira por alguém que ela ama, alguém está tentando matá-la, e ela consegue ver a pessoa através da água. Segundo entrevista que a artista concedeu para a *Apple Music*³ com *Zane Lowe*. Ela diz que inicialmente, não teria esse alguém cometendo o homicídio e sim um suicídio, mas ela trocou a letra para uma terceira pessoa pois não queria que se preocupasse com ela, já que ela estava bem emocionalmente. Não podemos dizer o mesmo de Ofélia a qual nos dava indícios melancólicos que a levaram, de forma indireta, ao suicídio.

Analisando o videoclipe da cantora e *drag queen* *Chappel Roan: The subway* onde ela relata sua situação pós término, pude perceber algumas semelhanças estéticas com algumas pinturas, principalmente a obra de *Millais* em conjunto da letra da música, onde a artista desabafa sobre a situação de insanidade em que ela se encontra. Ela cita cada motivo pelo qual a faz entrar em um estado de alerta para caso veja seu objeto de desejo em lugares comuns da cidade, principalmente no transporte público. Um dos cenários do videoclipe é uma fonte de água pública, onde a *drag queen* se lamenta pelo amor que se foi. Pode-se compreender a cena como uma releitura contemporânea da Ofélia. Para além de que, a *Chappel Roan* é uma mulher ruiva, acentuando a semelhança com o quadro de *Millais*.

³ Para aprofundamento: <https://www.youtube.com/watch?v=DKnO46lWqO0&t=1049s>

Imagem X: The subway, Chappel Roan (2025)



Fonte: Youtube,

https://www.youtube.com/watch?v=woLfAvD5iXI&list=RDwoLfAvD5iXI&start_radio=1&pp=ygUKdGhIIHN1YndheaAHAQ%3D%3D, visita em: 05/2026

O intérprete *Kim Taehyung* da *Boyband* coreana *BTS* também tem sua contribuição na releitura de Ofélia para as músicas. No solo *Singularity* que é a faixa introdutória do álbum *Love Yourself: Tear*. *Kim Taehyung* nos apresenta um videoclipe conceito dessa era com elementos teatrais como as máscaras neutras e um meio-fantoches feito com um casaco no cabideiro que é manipulado pelo artista. No entanto, nos chama atenção as referências ao quadro *Ophelia*(1852) de *Millais* citado anteriormente.

O cantor está sempre sozinho, o cenário varia entre uma sala onde as paredes são cobertas de jornais, no centro possui uma espécie de vidro/espelho que nos remete a um lago descongelando, onde o cantor fica diante. Esse cenário possui também elementos da natureza como galhos e flores, o que nos remete a cena do afogamento de Ofélia relatado por Gertrudes.

Imagem XI: Singularity, BTS (2018)



Fonte: Youtube,

https://www.youtube.com/watch?v=p8npDG2ulKQ&list=RDp8npDG2ulKQ&start_radio=1, visita em: 05/ 2026

Na letra da canção que foi composta por outro integrante do grupo, Kim Namjoon podemos ver semelhanças entre Ofélia e o eu lírico:

O barulho continua soando
Outra rachadura neste lago congelado
Eu me atirei no lago
Enterrei minha voz por você

Sobre o lago de inverno que fui jogado
Uma camada grossa de gelo se formou
No breve sonho que tive
Minha agonizante dor fantasma permanece a mesma.
(BTS, 2018, tradução minha)

Essas coincidências não passaram batidas pela *fanbase*, já que o grupo costuma ter um repertório vasto que envolve literatura, filosofia, mitologia dentre outros. Além de seu próprio microcosmo, o que instiga a *fanbase* a desbravar cada símbolo de seus vídeos e de suas músicas em fóruns online onde podemos encontrar essas assimilações. O usuário *efeitobts*⁴ do site *wix* desvenda todo o trabalho envolvendo o solo e opina que *Singularity* se relaciona com Ofélia pois: “O eu lírico da música também se lançou nesse lago, nesse sentimento, nesse amor e, mesmo sabendo que estava caindo em máscaras ou perdendo a capacidade de ver o seu reflexo, não se levantou. Apenas continuou afundando e, se continuar nesse caminho, poderia chegar a pontos irreversíveis no que diz respeito a perder a si próprio.”.

⁴ Para aprofundamento:

<https://efeitobts.wixsite.com/efeitobts/post/an%C3%A1lise-teoria-a-letra-e-o-comeback-trailer-de-singularity-m%C3%AAsloveyourself>

Eu me perdi
Ou ganhei você?
Eu corro repentinamente até o lago
Meu rosto está lá
[...]
Diga-me se minha voz não é real
Se eu não deveria ter me atirado
Diga-me até mesmo se essa dor não é real
O que eu deveria ter feito, então?
(BTS, 2018, tradução minha)

Neste trecho da música, o eu lírico faz um desabafo sobre o sentimento de perder a si mesmo, e podemos ver o ato de se atirar no lago como uma forma de recuperar esse eu perdido.

3. Ofélia e a Melancolia

No ensaio *Luto e Melancolia* Sigmund Freud transcorre sobre as semelhanças e divergências, as causas e sintomas das duas instâncias. Freud descreve que “o luto é a reação à perda de uma pessoa amada ou da abstração que ocupa o seu lugar como pátria, liberdade etc”. E os sintomas, segundo Freud (2010) seriam abatimento doloroso, uma cessação do interesse pelo mundo exterior, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade. Já a melancolia se assemelha em quase todos os sintomas do luto, menos o de que uma pessoa melancólica também tem uma grande diminuição da autoestima e realiza comentários depreciativos e pode chegar a uma delirante expectativa de punição.

Sabendo disso, podemos de primeira pensar em Hamlet como um melancólico, pois além de sua perda recente do ente querido, ele demonstra ter uma um extraordinário rebaixamento de sua autoestima que é o sintoma principal da melancolia como nós lembra Freud (2010) “No luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio Eu. O doente nos descreve seu Eu como indigno, incapaz e desprezível; recrimina e insulta a si mesmo, espera rejeição e castigo.” conseguiremos Hamlet em seus solilóquios, como por exemplo na cena II do Ato II:

HAMLET: Deus vos acompanhe. Agora estou só. Oh, que ignóbil eu sou, que escravo abjeto! Não é monstruoso que esse ator aí, por uma fábula, uma paixão fingida, possa forçar a alma a sentir o que ele quer, de tal forma que seu rosto empalidece, tem lágrimas nos olhos, angústia no semblante, a voz trêmula, e toda sua aparência se ajusta ao que ele pretende? E tudo isso por nada!
 Por Hécuba![...]
 Mas eu, Idiota inerte, alma de lodo,
 Vivo na lua, insensível à minha própria causa,
 E não sei fazer nada, mesmo por um rei
 Cujas propriedade e vida tão preciosa
 Foram arrancadas numa conspiração maldita.
 Sou então um covarde? Quem me chama canalha? (Shakespeare, 2001, p. 51)

Podemos compreender que Hamlet está ciente de sua condição, ele reconhece e aceita seus desvios de moralidade, e Freud fala exatamente sobre a condição do personagem.

Quando, em exacerbada autocrítica, ele pinta a si mesmo como uma pessoa mesquinha, egoísta, insincera, sem autonomia, que sempre buscou apenas ocultar as fraquezas do seu ser, pode ocorrer, pelo que sabemos, que tenha se aproximado bastante do autoconhecimento, e perguntamo-nos apenas por que é necessário adoecer para alcançar uma verdade como essa. Pois não há dúvida de que quem chega a essa avaliação de si mesmo e a expressa diante dos outros — avaliação similar à que o príncipe Hamlet faz de si e de todos os outros — está doente, quer diga a verdade, quer seja mais ou menos injusto consigo. (Freud, 2010, pág. 131)

A partir disso, podemos ponderar que Hamlet, desde o início do texto, possuía muita angústia, e sede por vingança. Já Ofélia, sempre foi doce e aceitava o destino que lhe era imposto. Ainda no ensaio Luto e melancolia, Freud (2010) disserta:

Uma mulher que sempre foi boa, zelosa e capaz não falará melhor de si mesma, na melancolia, do que uma verdadeiramente imprestável; e talvez ela tenha maior probabilidade de adoecer de melancolia do que a outra, da qual nada saberíamos falar de bom. Deve nos chamar a atenção, por fim, que o melancólico não age exatamente como alguém compungido de remorso e autorrecriminação de maneira normal. Ele carece da vergonha diante dos outros, que seria a principal característica desse estado, ou ao menos não a exibe de forma notável. No melancólico talvez possamos destacar um traço oposto, uma insistente comunicabilidade que acha satisfação no desnudamento de si próprio. (Freud, 2010, pág. 131)

No vídeo *OFÉLIA - Vamos falar sobre a personagem Ofélia, da peça Hamlet, de Shakespeare*⁵ do canal *revelando Shakespeare*, as palestrantes analisam que enquanto Hamlet finge loucura, Ofélia a incorpora; Enquanto Hamlet medita sobre o Suicídio, Ofélia se suicida. O que nos remete ao que Freud elucida acima. Apesar de termos ciência de que ela sofria pelo falecimento de seu pai, e no luto, existe essa inibição que é causada pelo processo do luto. No luto, o mundo se torna pobre e vazio. E é o que vemos acontecer com Ofélia. Ela não apenas teve sinais da condição do luto como insônia, falta de apetite, ela se perdeu totalmente dentro de si, “enlouqueceu” como podemos ver na cena V do ato IV:

LAERTES: Que acontece aí? Que barulho é esse? (Entra Ofélia.)
 Oh, fogo, consome meu cérebro!
 Lágrimas sete vezes salgadas,
 Queimem a função e o valor dos meus olhos!
 Juro pelos céus, tua loucura será paga em peso
 Até que o braço da balança penda para o nosso lado.
 Ó rosa de maio, virgem amada, boa irmã, gentil Ofélia!
 Ó céus! É possível que a razão de uma donzela
 Seja tão frágil quanto a vida de um velho?
 A natureza é sutil no amor e, nessa sutileza,
 Sacrifica um pedaço precioso de si própria
 Àquele a quem ama.
 OFÉLIA: (Canta.) O puseram no caixão com o rosto descoberto
 Olelê, olelê, olelê.
 Caíram chuvas de lágrimas na campa
 Vai em paz, meu pombinho!
 LAERTES: Se estivesses em teu juízo e me incitasses à vingança,
 Não terias tanta força.
 OFÉLIA: Todos têm que cantar: “Embaixo, embaixo;
 e chamando baixinho”;
 A roda da Fortuna gira assim!
 Foi o pérfido mordomo quem roubou a filha do patrão.
 LAERTES: Isso não é nada, e é mais que tudo. (Shakespeare, 2001, p. 94)

⁵As palestrantes desse canal são Valéria Marchi, Tuna Dwek e Cristiane Busato Smith que é doutora em Letras e mestre em Literaturas de Língua Inglesa (Universidade Federal do Paraná – UFPR) . Para aprofundamento: <https://www.youtube.com/live/75g7dQMK7p0> visita em 05/2026

Outra autora que contribui com a leitura de que Ofélia sofre de melancolia profunda é Rachel Hamlet(2021) Em seu ensaio *Ophelia Drowned, Ophelia Rising, Ophelia Unbound: Women in Elizabethan England, the suffocating constraints of society, and suicide as a means of escape* publicado no *substack*, no qual reflete: “Se Ofélia enlouqueceu, por que ela não me parece louca? Vejo uma jovem gentil e tranquila à mercê de homens que a decepcionam constantemente. Vejo uma garota sem poder de decisão, fazendo o que pode para lidar com uma realidade desagradável.”(Hamlet, 2021) E podemos perceber na cena V do ato IV, que Ofélia está mais que ajuizada quando ela entrega as flores ao rei e rainha, onde faz uma crítica a qual eles não percebem, já que os funchos significam bajulação e adultério, as aquileias a tolice e novamente, adultério. As arrudas, falta de remorso e as margaridas, a inocência que segundo Dreher no livro sem tradução *Domination And Defiance: Fathers and Daughters in Shakespeare*(1986)⁶, em quem Rachel Hamlet se baseia, ela quer expressar tanto que a perdeu naquele lugar, como algo que carece naquelas pessoas.

OFÉLIA: (Para Laertes.) Este é um rosmaninho, serve pra lembrança. Eu te peço, amor, não esquece. E aqui amores-perfeitos, que são pros pensamentos. LAERTES: Uma lição na loucura; pensamentos e recordações se harmonizam.

OFÉLIA: (Ao Rei.) Funchos para o senhor, e aquileias. (À Rainha.) Arruda para vós, pra mim também alguma coisa – vamos chamar de flor da graça dos domingos; ah, tem que usar a sua arruda de modo diferente.

Eis uma margarida. Gostaria de lhe dar algumas violetas, mas murcharam todas quando meu pai morreu – Dizem que ele teve um bom fim... (Canta.) O meu bonito Robin é toda a minha alegria...

LAERTES: A mágoa e a aflição, o sofrimento, o próprio inferno OFÉLIA: (Canta.)

E ele não voltará mais?

E ele não voltará mais?

Não, não, ele está morto

Em leito de paz e conforto

Não voltará nunca mais.

Tinha a barba branca como a neve

Tinha a cabeça tão leve

Foi embora, foi embora,

É inútil nosso pranto

Que Deus o proteja, agora.

E para todas as almas cristãs, eu peço a Deus – Deus esteja convosco.

(Shakespeare, 2001, p. 94)

Embora Rachel Hamlet compreenda que Ofélia não possuía poder de decisão, conseguimos interpretar que sua decisão se faz presente de forma poética, com sua

⁶ Para aprofundamento: Diane Dreher, além de destrinchar a relação das personagens femininas, faz essas associações dos significados das flores com a forma em que Ofélia se comunicou em seu momento de maior vulnerabilidade emocional.

performance lírica. Seu grito é dado de forma performática e simbólica e quebra o ambiente que a subjuga.

Rachel Hamlet discorre que as violetas ao longo de Hamlet, representam a fé e a esperança. Com essa fala de Ofélia podemos dizer então que ela perdeu a fé na família real dinamarquesa, a quem ela e seu pai eram leais. Polônio foi enterrado sem um ritual digno, sem que nenhum de seus filhos se despediram adequadamente, não é para menos que Ofélia tenha agido da forma que agiu. A corte esperava que Ofélia continuasse agindo de forma passiva, mas, se deparam com uma jovem que chora e se esperneia diante da morte do pai que foi assassinado a sangue frio e enterrado como pagão. Logo, segundo a autora, Ofélia não enlouqueceu, ela estava lúcida.

Embora não verbalizadas, as ações do tribunal mostram que esperam que Ofélia permaneça agradável e recatada diante da fé perdida e da dor lancinante. Diante deles está uma jovem mulher que chora a morte do pai, assassinado a sangue frio e enterrado sem os últimos sacramentos. Cantar e colher flores são atitudes esperadas, mas quando ela recorre a enigmas e rimas para expressar sua crítica e condenação de forma segura, dizem que ela está louca. É um absurdo. Discordo. Ofélia não perdeu a lucidez, ela a recuperou. (Hamlet, 2021)

Lopes(2020) nos lembra que Ofélia, sempre tentou de forma discreta se impor o máximo que conseguia, na cena III do ato I, quando Laertes está a instruindo a se manter longe de Hamlet e não acatar suas investidas, Ofélia diz:

OFÉLIA: Terei o nobre sentido das tuas palavras
Como guarda do meu coração. Mas, meu bom irmão,
Não faz como certos pastores impostores,
Que nos mostram um caminho pro céu, íngreme e escarpado,
E vão eles, dissolutos e insaciáveis libertinos,
Pela senda florida dos prazeres,
Distante dos sermões que proferiram.
(Shakespeare, 2001, p. 20)

Nessa fala da personagem podemos ver como ela, com sarcasmo, acata os conselhos do irmão, mas deixa claro que ela não é ingênua como a sociedade e, principalmente, a sua família, a vê. Deixa o espectador ciente de que apesar dela estar em situação de subalternidade, ela é uma mulher capaz de pensar por si própria, pode identificar situações de perigo sozinha.

Freud (2010) argumenta que quando uma pessoa se encontra em estado de melancolia ela não se envergonha diante dos outros, que seria para ele, a principal característica dessa patologia. E ainda, possui uma necessidade de comunicabilidade pois encontra satisfação no desnudamento de si mesmo.

Deve nos chamar a atenção, por fim, que o melancólico não age exatamente como alguém compungido de remorso e autorrecriação de maneira normal. Ele carece da vergonha diante dos outros, que seria a principal característica desse estado, ou ao menos não a exibe de forma notável. No melancólico talvez possamos destacar um traço oposto, uma insistente comunicabilidade que acha satisfação no desnudamento de si próprio. (Freud, 2010, p. 131)

Exatamente como encontramos Ofélia (IV, V) usando metáforas, cantigas e flores para expressar sua dor, sua raiva, sua decepção. E na melancolia, a relação com o objeto de desejo é complicada por conta do conflito de ambivalência, que é um dos sintomas da enfermidade, que pode nascer das vivências ocasionadas pela perda do objeto — sendo este Hamlet — que foram a rejeição e o assassinato de seu pai.

Então, além do luto pela morte, Ofélia enfrenta batalhas emocionais em torno de Hamlet, como disse Freud: “Portanto, na melancolia travam-se inúmeras batalhas em torno do objeto, nas quais ódio e amor lutam entre si, um para desligar a libido do objeto, o outro, para manter essa posição da libido contra o ataque.”(2010, p. 140). Com isso podemos compreender os motivos da sua inquietação, o homem a quem ela via como pretendente, que a cortejava e fazia juras de amor, tirou-lhe um dos seus únicos amparos na vida. Um pai, que apesar de ter errado por ser superprotetor e a ter utilizado como peão, ainda assim, a amava e a protegia. Em uma época em que mulheres não tinham direitos ou representação parlamentar. Freud também discorre que:

Havia uma escolha de objeto, uma ligação da libido a certa pessoa; por influência de uma real ofensa ou decepção vinda da pessoa amada, ocorreu um abalo nessa relação de objeto. O resultado não foi o normal — a libido ser retirada desse objeto é deslocada para um novo —, e sim outro, que parece requerer várias condições para se produzir. O investimento objetual demonstrou ser pouco resistente, foi cancelado, mas a libido livre não foi deslocada para outro objeto, e sim recuada para o Eu. Mas lá ela não encontrou uma utilização qualquer: serviu para estabelecer uma identificação do Eu com o objeto abandonado. Assim, a sombra do objeto caiu sobre o Eu, e a partir de então este pôde ser julgado por uma instância especial como um objeto, o objeto abandonado. Desse modo, a perda do objeto se transformou numa perda do Eu, e o conflito entre o Eu e a pessoa amada, numa cisão entre a crítica do Eu e o Eu modificado pela identificação. “(Freud, 2010, p. 133)

Como Ofélia, na sociedade em que vivia, não possuía nenhuma expectativa de que poderia ter segurança, moradia, trabalho ou algo que a fizesse continuar seguindo, ela perde também as esperanças na vida. Não há um novo objeto para onde sua libido possa ser realocada, logo, ela recua para o Eu. E Ofélia, com seu irmão fora da Dinamarca, se sente abandonada, sozinha, não tem com quem compartilhar sua dor.

Ainda sobre o simbolismo das flores, a autora recorrendo a Dreher(1986), traz a interpretação de que as flores presentes na morte de Ofélia no lago tem ligação com seu inconsciente que o intitula “um emblema do conflito interno que a levou à loucura”. A rainha cita que Ofélia utilizava ‘estranhas guirlandas’ de botões-de-ouro, margaridas, urtigas e cumpridas orquídeas encarnadas. Dreher afirma que essas flores são representações de sua inocência, a dor, sua sexualidade todas entrelaçadas em loucura, como ela não pode fazer em vida. Ela argumenta que a incapacidade da Ofélia em se impor e expressar seus medos, desejos conflitantes faz com que ela se perca de si mesma e a leva à ruína. A autora também disserta sobre como a morte de Ofélia ocorrer na água — que é símbolo do inconsciente — pode a ter anestesiado do trauma que seria o afogamento, como se o inconsciente dela assumisse o controle a deixando em um estado de sonho onde ela não precisou encarar a dura realidade a deixando protegida psicologicamente, porém, vulnerável fisicamente.

3.1 A arte imita a vida

Para Aristóteles(1959), a arte imita a vida. A imitação é um conjunto de narrativas que mostram possíveis realidades e com isso, promove uma familiarização com a personagem. Então, somos levados à verossimilhança que falamos acima. Por isso, conseguimos realizar analogias de situações reais com a personagem Ofélia.

Em 1972, o Dr Ian Carr descreveu pela primeira vez a “Síndrome de Ofélia”, após sua filha desenvolver amnésia, depressão maior, delirium e evoluir para ideias suicidas, assim como diversos casos. A filha de Carr não chegou a cometer o ato de suicídio como a Ofélia. O filósofo francês Gaston Bachelard também rotulou características da melancolia feminina como “Complexo de Ofélia”, que ele descreve como “símbolo do suicídio feminino, destinada a terminar sua vida nas águas” (1942, p. 102).

Entretanto, nem sempre a melancolia pode resultar em suicídio de fato. Como Ofélia, algumas mulheres podem perder os sentidos quando tudo que são ensinadas é que

precisam de um homem, seja para ser amada, seja para ter proteção ou status social. Um dos motivos deste trabalho existir se dá pela semelhança que minha tia paterna possui com a história de Ofélia.

Segundo relatos de parentes, Luiza Mariana foi uma moça que nasceu na década de 50 e faleceu em um período pós pandemia. Foi uma jovem muito bonita conquistando títulos como “Miss” na cidade de Riachuelo-SE, além de ser enfermeira. Teve duas filhas com seu primeiro e último marido, o mesmo que teria sido o estopim para sua decadência mental. Seu até então companheiro quis separar-se, mas Luiza Mariana não aceitou essa mudança que a afetou cognitivamente. Seu estágio de negação perdurou por longos anos, ela alucinava que ele estava voltando para casa todos os dias às 17h e com o tempo ficou cada vez mais disfuncional. Nos anos 2000 ela já não falava nada, não comia e nem tomava banho sozinha. Não saía de casa. Nos últimos anos de sua vida ficou em estado vegetativo. Definiu até a morte, não suportou a dor de perder uma pessoa amada.

Dado que, até 2012, não existiam muitos estudos sobre a melancolia feminina (Farias, 2012), sendo assim, podemos então considerar que na década de 80, possuímos muito menos informações sobre o assunto. Logo, enfermidades psicológicas não eram — e não são até hoje — investigadas e tratadas devidamente quando relacionadas a mulheres. Segundo Melo (2025), essa falta de interesse pela saúde feminina ocasiona em diagnósticos incorretos e sofrimento psíquico. Apesar de Luiza ter acesso a informações da saúde por ser enfermeira, a saúde da mulher era extremamente negligenciada, e pouco ou quase nada se foi feito para reverter o seu quadro.

Outra situação que chega ao meu conhecimento foi bem mais breve, mas é uma situação que me lembra o luto de um amor e pela morte de um ente querido onde esses acontecimentos acabam sendo entrelaçados. Desta vez a Ofélia seria a minha mãe. Ela ficou presa e dependente de um romance turbulento e incerto, tal qual o de Ofélia e Hamlet, durante 12 anos. A “personagem” entrou em estado de melancolia uma das vezes em que houve separação do casal. Ela relatou não dormir à noite, mesmo cansada de trabalhar o dia inteiro, além de não conseguir comer, ficar em estado de alerta para qualquer motocicleta e chorar constantemente. O estado grave de melancolia só passou quando o casal reatou.

Anos depois ela se viu em um dilema pois seu objeto de desejo, além de não fazer bem a ela, veio a agredir um de seus filhos. Ação que levou a morte do mesmo anos depois.

O que ocasionou em sintomas de luto, que já é esperado em uma ocasião como essa, mas também, de culpa. Sentimento que em minha interpretação pessoal, Ofélia pode ter sentido por achar que teve alguma influência na morte de seu pai por Hamlet. Diferente de Ofélia, ela não cometeu suicídio, mas a melancolia e a culpa ainda persistem nos dias de hoje.

Saindo dos relatos pessoais, retornaremos a Elizabeth Siddal, ou *Lizzie Siddal*, modelo do quadro *Ophelia* de *John Everett Millais*. *Siddal* foi “descoberta” por *Walter Howell Deverell*⁷ que a descreveu como “criatura maravilhosa que encontrei.[...]” “Ela é como uma rainha, magnificamente alta.”. e com isso, a modelo foi introduzida ao mundo das artes. Segundo *Hawksley*(2020), quando *Deverell* a encontrou, a jovem trabalhava em uma chapelaria que possuía uma jornada de trabalho longa, talvez por isso sua família tenha concordado que trabalhasse com modelagem — onde trabalhava por meio período — preocupados com seu bem estar, pois a jovem já possuía uma saúde debilitada.

Depois que *Siddal* foi pintada por *Deverell* como a personagem Viola da peça *Noite de Reis*, também de *Shakespeare*, ela passou a posar para outros artistas como *Holman Hunt* que a retratou em 1850 em “*A Converted British Family Sheltering a Christian Priest from the Persecution of the Druids*”, e posteriormente como *Sylvia* em *Valentine Rescuing Sylvia from Proteus* (que trata-se também de uma cena de outra peça de *Shakespeare*, *Os Dois Cavalheiros de Verona*). E também, posou inúmeras vezes para *Rossetti*, sendo a primeira vez em 1850 para o quadro “*Rossovestita*”.

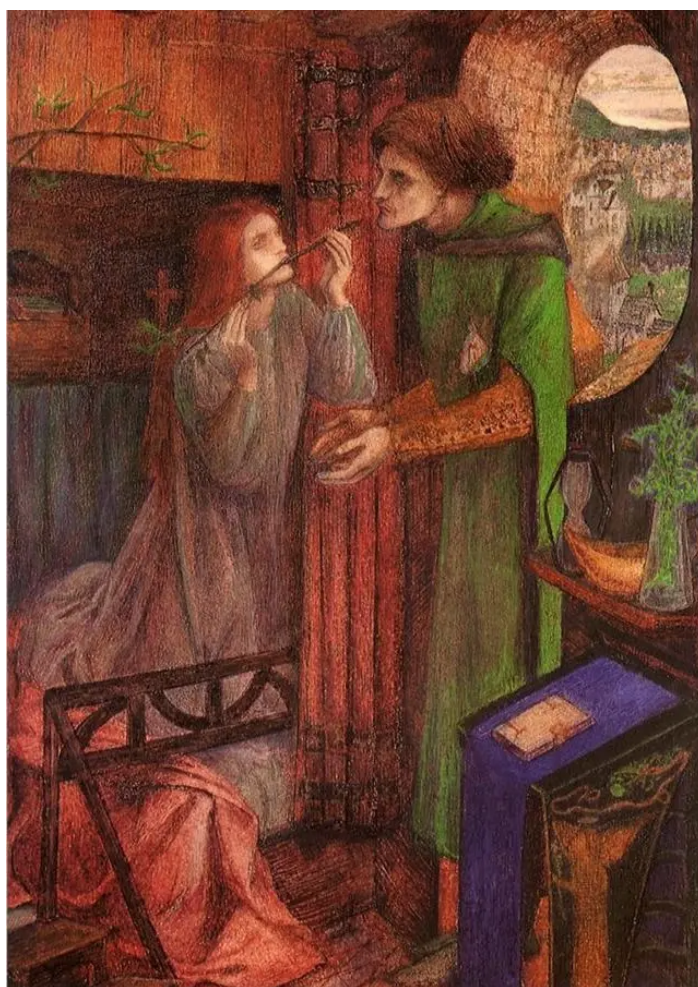
Com dois anos, *Siddal* conseguia trabalhos suficientes para largar a chapelaria, mas sua fama só veio quando foi pintada por *John Everett Millais* no quadro *Ophelia*. Como vimos anteriormente, a fama acabou tendo um custo para *Siddal*, que após longas horas de exposição à água gelada teve uma piora em sua saúde, a qual já era debilitada. E apesar da alta demanda. *Rossetti* com quem *Siddal* possuía um romance, pediu para que ela posasse apenas para ele.

A vida amorosa do casal era bem difícil: segundo a *BBC News*, *Elizabeth Siddal* era viciada em láudano e *Rossetti* era em demasia infiel. O que resultou em um noivado de dez anos, pois o noivo não conseguia decidir sobre uma data de casamento. Apesar disso, *Siddal*

⁷ Segundo a *BBC NEWS*(2020), era membro de um grupo de artistas e escritores — homens e mulheres — que orbitavam em torno da recém-criada Irmandade Pré-Rafaelita, fundada em 1848 por *Rossetti*, *Holman Hunt* e *John Everett Millais*.(Hawksley, 2020)

começou sua carreira de artista para além da de modelo em 1854, pois Rossetti lhe deu aulas. Os críticos ridicularizaram seus trabalhos, mas *Ruskin*, crítico de arte britânico, viu algo de genial neles e a pagou seis vezes mais do que ela ganhava na chapelaria para que a jovem se dedicasse exclusivamente à arte. E conquistou o feito de ser a primeira mulher a expor na mostra Pré-Rafaelita em Londres onde um de seus trabalhos, lá exibido, foi adquirido por um colecionador americano influente.

Imagem XII - Elizabeth Siddal, Clerk Saunders, 1857



Fonte: BBC NEWS(2020)

Apesar das conquistas profissionais, ao ver a piora de sua saúde, juntamente do desgaste em seu relacionamento, *Siddal* decidiu desvincular-se de Ruskin e afastar-se de *Rossetti*. Tentou construir uma carreira por conta própria com suas economias, se inscreveu

na escola de arte local e *Rossetti* a visitou algumas vezes. Porém seus amigos que ficaram em Londres a advertiram de seu comportamento na cidade, o que fez parecer que o relacionamento se rompeu. Mas ao haver uma piora na saúde de *Siddal* e em seguida sua melhora, os dois se casam de imediato.

Imagem XIII - Rossetti, Regina Cordium, 1860



Fonte: BBC NEWS(2020)

Hawksley(2020) chamou a lua de mel de “o começo do fim”. Nela, *Siddal* ficou grávida e tudo parecia bem entre o casal. *Rossetti* a pintou na época no quadro chamado “*Regina Cordium*”. Onde ela aparece melancólica, porém, segurando uma violeta, como vimos antes, símbolo de esperança. Entretanto, após dar à luz a um natimorto, ela mergulhou em um estado de depressão ao qual nunca se recuperou. O relacionamento voltou a se desgastar e ela tinha certeza de que seu marido havia voltado a lhe trair, mesmo que os amigos negassem.

Após uma noite onde o casal saiu para jantar com um amigo, *Rossetti* teve que dar aula e antes de sair, viu a esposa tomando a sua dose costumeira de láudano. Quando

retornou, encontrou o frasco vazio e uma carta. Os médicos tentaram reanimá-la, porém não obtiveram sucesso. Além de que, descobriram que ela estava grávida novamente.

Rossetti queimou a carta de suicídio, pois assim como o dilema que temos sobre a morte de Ofélia em *Hamlet*, *Elizabeth Siddal* não poderia ter um enterro cristão se assim fosse. E as semelhanças com Ofélia continuam também após sua morte. Ofélia é um ícone da melancolia feminina e Lizzie Siddal foi considerada ícone da estética gótica, pois sete anos após sua morte, o viúvo decidiu recuperar os poemas que ela havia escrito e que ele escolheu enterrar junto à autora. Foi lhe relatado por um amigo conhecido por ser um contador de histórias que o corpo da falecida esposa estava perfeitamente preservado, que ela não era um esqueleto e até seu cabelo havia crescido e inundado o caixão.

Então desta história, surge o mito de que a beleza da modelo permaneceu intocada, mesmo após a sua morte trágica. Nós leva a pensar na grande ironia que é representar a Ofélia em uma aclamada pintura, para também compartilhar do mesmo destino.

Em pesquisas realizadas através da internet, me deparei com o vídeo do usuário @graceinbeing na plataforma TikTok, onde a criadora de conteúdo relata seu processo de luto pós termino onde ela começa o video falando que: “o coração partido te coloca em contato com o coração pulsante da vida” (@graceinbeing, 2026). A influenciadora digital relata que passou por um término devastador e que isso a fez mais sensível ao cotidiano e a suas emoções. Ela descreve a sensação de estar em uma relação onde não se é vista propriamente como uma “maldição”.

Porém, o que mais me chamou atenção neste vídeo foi o uso da flor de lótus como simbologia para sua cura pessoal. A analogia dela logo me remeteu a Ofélia e suas metáforas com as flores, mas a jovem que apareceu para mim tem um destino muito diferente da nossa heroína e das outras mulheres aqui citadas. Ela relata que ao pesquisar o significado da flor de lótus, ela descobriu que significava “brotar da lama e florescer”. E ela discorre que:

Quando você é muito, muito machucado por alguém que você amou muito e está em tanta dor e devastação por causa de algo, a dor pode parecer tão intensa de um jeito que você tem medo de que ela vá roubar algo muito puro de você ou tirar de você um senso de beleza ou de fragilidade (@graceinbeing, 2026)

Ela relata que, apesar de se encontrar por muitos meses em um estado de devastação, isso não fez com que ela “morresse”, mas, que sua beleza fosse realçada pois houve um processo de amadurecimento que a ancorou em um amor mais profundo por ela mesma através de aprendizados adquiridos com relacionamento que passou e também com o processo de luto profundo onde se encontrou após o término.

Oscar Wilde(1994), parafraseando Aristóteles, indaga se a vida imita a arte mais do que a arte imita a vida. E isso nos leva a refletir sobre situações da nossa vida real onde passamos por momentos que pensamos “tem um roteirista escrevendo minha vida”, “Se essa situação fosse um filme, eu com certeza assistiria e eu teria dó da personagem” ou até mesmo “Quem estiver roteirizado minha vida dá um descanso para a minha personagem”.E quem sabe essas situações não virem um dia uma dramaturgia, um filme, um poema.

Podemos constatar com as histórias apresentadas que, embora os séculos passem, podemos ver que Ofélia é atemporal e embora morra na peça ela continua se manifestando em mulheres reais de diferentes culturas, classes e idades. E cada uma tenta lidar com suas aflições da melhor forma que podem.

Considerações Finais

Nesse estudo interdisciplinar, pude então, identificar por meio de leituras, principalmente, do ensaio Luto e Melancolia de Sigmund Freud (2010) e da análise da personagem Ofélia, através do texto Hamlet de Shakespeare (2001) identificar aspectos da subjetividade melancólica na personagem. Foi possível conhecer a personagem e a ler nas entrelinhas, ouvir o que não está sendo dito de forma direta e ainda assim, compreendê-la de forma profunda.

Foi também possível realizar uma análise da personagem e seus signos visuais para compreender como ela cativou e continua cativando gerações de artistas de todas as áreas, ganhando mais destaques que o próprio Hamlet por motivos diversos, sejam eles por uma razão estética pela forma que sua morte foi narrada pela personagem Gertrudes, ou pela identificação, sobretudo, de um ideal feminino que é imposto às mulheres.

Considerando o fato de que a vida das mulheres sempre foi atrelada aos homens desde o início da civilização ocidental, não é surpresa que em nossas representações

dramáticas não tenha sido diferente. Ofélia, apesar de ser esperta, ter talento para botânica e outras atribuições, dentro da obra *Hamlet*, não foi mais que a filha do conselheiro, irmã de Laertes e interesse romântico do protagonista. Perder um amor romântico é mais doloroso para as mulheres que muitas das vezes acreditam que sua vida não faz mais sentido após o rompimento. Isso se dá por conta da estrutura patriarcal em que estamos inseridas. Perder um amor romântico e em seguida, perder o membro da sua família por quem ela possuía o máximo respeito e servidão, foi devastador e irreversível.

A insanidade de Ofélia levanta muitas interpretações até hoje. Ela realmente enlouqueceu ou se libertou? Ela se perdeu ou se encontrou? Em um sistema onde se espera subserviência das mulheres são consideradas insanas aquelas que se rebelam. E, segundo Motta(2024) até os tempos atuais, as mulheres possuem maior números de diagnósticos de depressão e ansiedade que os homens, resultado de séculos de desigualdade de gênero que é reforçada por séculos de estereótipos sobre o que é ser mulher e qual seu papel na sociedade.

A saúde mental feminina, assim como a saúde de pessoas com útero, no geral é tratada com certo descaso. Podemos ver pelo desinteresse inicial do pai da psicanálise, Sigmund Freud, pelos sintomas de Ofélia como melancólica, que é interessantíssimo e até mais intrigante que o de Hamlet, que nos expõe tudo que se passa por sua cabeça. Já a loucura de Ofélia, nos surpreende, pois sempre a vimos como uma personagem sensata e boa.

Porém, podemos perceber através de relatos coletados em artigos, histórias de familiares e pessoas na internet que, com o passar das gerações, e analisando o contexto ao qual a mulher está inserida, que o luto ocasionado por perda de um objeto de desejo, que venha a evoluir para uma melancolia onde a mulher perde-se dentro de si, tem a tendência de não perdurar.

A atriz Tânia Farias, da tribo de atores *Ói Nós Aqui Traveiz*, que interpretou Ofélia em *Hamlet Máquina*(1999)⁸, diz que: “Ofélia é uma força e não uma personagem”(Farias, 2014, p. 35). Nessa peça, Tânia Farias dá o palco que foi tirado de Ofélia e vocifera contra um sistema que oprime mulheres de forma contínua, onde ela detalha violências que sofreu quando foi estuprada por três jovens e uma criança de 10 anos. O teatro e as Artes em geral existem não só para nosso entretenimento, mas também para falar e ser

⁸ É uma releitura da peça *Hamlet Machine* do autor Heiner Müller onde os personagens são tirados do contexto original para servir de crítica ao estado socialista.

ouvida. Nós nos expressamos de formas que talvez não conseguirmos de outra forma por conta do peso, da dificuldade que algumas mulheres podem ter em se expressar com as suas palavras, que são de grande importância, mas que para algumas pessoas, não são suficientes. Assim como Ofélia, que em suas últimas aparições e menções cantava, dançava e fazia poesia.

Referências

ABBEY, Edwin Austin. **The play scene in Hamlet**. 1897.

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de Antônio Carvalho. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1959

BACHELARD, Gaston. **L'Eau Et les Reves: Essai Sur L'Imagination de la Matiere**. 1°. ed. França: Hachette Collections, 1942.

BURGUER, Luiza de Oliveira. **A invalidação do feminino — uma leitura simbólica através do mito de Perséfone e da narrativa de Ofélia**. Instituto Junguiano de Ensino e Pesquisa. 8 de maio de 2026. Disponível em: <https://blog.ijep.com.br/a-invalidacao-do-feminino-uma-leitura-simbolica-atraves-do-mito-de-persefone-e-da-narrativa-de-ofelia/>. acesso em: 26 de maio de 2026.

BEST, Michael. **"Elizabethan fashions."** *Shakespeare's Life and Times*. Internet Shakespeare Editions. University of Victoria. Disponível em: <https://internetshakespeare.uvic.ca/Library/SLT/stage/costumes/fashion.html>. Acesso em: 06 de maio de 2026

SINGULARITY. BTS. Youtube. 06 de maio de 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=p8npDG2ulKQ&list=RDp8npDG2ulKQ&start_radio=1. Acesso em: 16 de maio de 2026.

DELACROIX, Eugene. **La mort d'Ophelie**. 1844.

DREHER, Diane Elizabeth. **Domination And Defiance: Fathers and Daughters in Shakespeare**. Kentucky. University Press of Kentucky. 1986.

EFEITOBTS. **Análise & Teoria: A letra e o comeback trailer de "Singularity" [#MêsLoveYourself]**. Wix. 21 de julho de 2021. Disponível em: <https://efeitobts.wixsite.com/efeitobts/post/an%C3%A1lise-teoria-a-letra-e-o-comeback-trailer-de-singularity-m%C3%AAsloveyourself>. Acesso em: 12 de junho de 2026.

ESTEVAO, Ilca Maria. **Como Ariana Grande tem incorporado Audrey Hepburn por meio da moda: A estrela de Wicked tem apostado em looks que resgatam o glamour da Old Hollywood, e gerado comparações com a eterna Bonequinha de Luxo**. Brasília: Metrópoles, 9 jan. 2025. Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/ilca-maria-estevao/como-ariana-grande-tem-incorporado-audrey-hepburn-por-meio-da-moda>. Acesso em: 6 maio 2026.

FARIAS, Larissa Soares Ornellas. **A melancolia no feminino**. São Paulo: Estilos da Clínica, junho de 2012. V. 17, n. 1. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282012000100005. Acesso em: 27/06/2026.

FREUD, S. **Luto e melancolia. Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, XIV, 1992.

FLOYD-WILSON, Mary. **Ophelia and Femininity in the Eighteenth Century: 'Dangerous conjectures in ill-breeding minds'**. *Women's Studies* 21 (1992): 397-409.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2014.

HAMLET, Rachel. **Water as a symbol of the unconscious: Part one: The iceberg, the storm, and The Body Keeps the Score**. Substack, 3 set. 2024. Disponível em: <https://opheliaunbound.substack.com/p/water-as-a-symbol-of-the-unconscious>. Acesso em: 16 dez. 2024.

HAMLET. Direção: Kenneth Branagh. Produção: David Barron. Roteiro: William Shakespeare. Sony Pictures Releasing. 1996.

HAMLET at Elsinore. Diretor: Philip Saville. Produtor: Peter Luke. Roteirista: William Shakespeare. BBC TV. 1964.

HAWKSLEY, Lucinda. **A trágica história de Lizzie Siddal, a grande supermodelo da arte**. BBC News, São Paulo, p. 1-1, 19 jan. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/vert-cul-51039165>. Acesso em: 13 de maio de 2026.

LAMBOTTE, M. C. **Estética da Melancolia**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.
Laplanche, J., & Pontalis, J. B. (1992). **Vocabulário da psicanálise** (P. Tamen, trad.). São Paulo: Martins Fontes.

LOPES, Sofia. **Uma lição na loucura: um estudo sobre a insanidade de Ofélia**. Palíndromo, Florianópolis, v. 12, n. 27, p. 298–309, 2020. DOI: 10.5965/2175234612272020298. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/13298>. Acesso em: 1 dez. 2025.

MACLISE, Daniel. **The play scene**. 1842.

MILLAIS, John Everest. **Ophelia**. 1852.

NASIO, J.D. **O livro da dor e do amor**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

OPHELIA. PinkPantheress. Warner UK. 2023. (2min 36).

PALLOTTINI, Renata. **Dramaturgia: Construção do personagem**. São Paulo: Ática S.A, 1989. 156 p.

PinkPantheress: 'Heaven knows', "Boy's a liar Pt. 2" & Tour | Apple Music: Produção por Zane Lowe. Youtube. 14 de novembro de 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DKnO46lWqO0&t=1049s>. Acesso em: 17 de junho de 2026.

The Subway. Chappel Roan. Youtube, 01 de agosto de 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=woLfAvD5iXI>. Acesso em: 16 de Maio de 2026.

SHAKESPEARE, revelando. **Ofélia - Vamos falar sobre a personagem Ofélia, da peça “Hamlet”, de Shakespeare**. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/75g7dQMK7p0>. Acesso em: 15 de maio de 2026.

SHAKESPEARE, W. **Hamlet: príncipe da Dinamarca**. São Paulo: Victor Civita, 1976. 97 p.

SHAKESPEARE, William. **Hamlet**. Tradução de Millôr Fernandes. Porta Alegre: L & PM, 2001.

SILVA, Maria Helena Alves. **O feminismo e Elizabeth I: A exceção e a visão contemporânea**. Revista Hominum, n. 19, out. 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/319076635_O_Feminismo_e_Elizabeth_I_a_excecao_e_a_visao_contemporanea. Acesso em: 28 abr. 2026.

SOTO-RINCON, Carlos A. **The poor insane Ophelia: reconsidering Ophelia syndrome**. Scientific Eletronic Library Online, Mexico, 13 fev. 2019. DOI <https://doi.org/10.1590/0004-282X20190105>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anp/a/nPrtBZsgQ3SXY8BmxsXQGqF/?lang=en>. Acesso em: 22 jun. 2026.

SOUZA, Carlos César Mascarenhas. **“Amódio” e melancolia na Medeia de Lars Von Trier**. In: COSTA, Rachel; FREITAS, Verlaine; Pazetto; Débora. O trágico, o sublime e a melancolia. Belo Horizonte, MG: Relicário Edições, 2016. p. 269 - 282.

SOUZA, Maurício Rodrigues. **A psicanálise e complexo de Édipo:(novas) observações a partir de Hamlet**. Scientific Eletronic Library Online. São Paulo. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/4dLx5XrQMGBym364byQs8j/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 13 de junho de 2026.

FARIAS, T. **Uma história íntima de criação**. Revista Rascunhos - Caminhos da Pesquisa em Artes Cênicas, [S. l.], v. 1, n. 1, 2014. DOI: 10.14393/RR-v1n1a2014-03. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/rascunhos/article/view/27216>. Acesso em: 9 jul. 2024.

VIEIRA, Érika Viviane Costa. **Resistindo à clausura: a iconografia de Ofélia**. Editora Todas as Musas, [s. l.], v. 2, p. 81-99, 2010. Disponível em: https://todasasmusas.com.br/01_02.htm. Acesso em: 11 maio 2026.

WILDE, Oscar. A Decadência da Mentira e Outros Ensaio. Rio de Janeiro : Imago, 1994.

WEST, Benjamin. **Ophelia and Laerts**. 1792.

CASTRO, Carla Ferreira de. **Ser ou não ser Ofélia. Estudos da Literatura: Paisagens do Ser**. Portugal, ano 2019, v. 1, 1 mar. 2019. Parte II, p. 107-117. DOI ISBN: 978-972-762-415-7. Disponível em: https://www.utad.pt/cel/wp-content/uploads/sites/7/2021/06/estudos_paisagens_do_ser.pdf#page=108. Acesso em: 17 mar. 2026.